

**AValiação DA APRENDIZAGEM E FORMaçãO DE PROFESSORES:
UMA REVISãO DE LITERATURA**

**EVALUATION OF LEARNING AND TEACHER TRAINING: A LITERATURE
REVIEW**

**Fabiana de Freitas Poso¹, Aline Silva Dejosi Nery², Thayná de Poso Freitas³, Bruno
Andrade Pinto Monteiro⁴**

¹Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde/Universidade Federal do Rio de Janeiro
(NUTES/UFRJ), e-mail: bianabia@bol.com.br

²Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde/Universidade Federal do Rio de Janeiro
(NUTES/UFRJ), e-mail: alinesnery@gmail.com

³Centro Universitário IBMR/Laureate International Universities, e-mail: thaynaposo@yahoo.com.br

⁴Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde/Universidade Federal do Rio de Janeiro
(NUTES/UFRJ), e-mail: bpmonteiro@gmail.com

Área Temática: Currículo, Políticas e Avaliação no Ensino de Ciências

RESUMO

A avaliação tem fugido ao seu significado constitutivo, sendo encarada como instrumento de mensuração, quando deveria auxiliar a construção da aprendizagem. Tendo em vista a importância desta temática e entendendo que a formação de professores possa contribuir com relações mais fecundas com o processo avaliativo, foi feita uma revisão bibliográfica no Google Acadêmico, onde foram selecionados quatorze trabalhos com o objetivo de verificar as principais considerações frente a este assunto, priorizando as concepções de licenciandos e a forma como esta questão vem sendo abordada nos cursos de formação docente. A análise dos discursos presentes nos projetos foi fundamentada em seus aspectos teóricos metodológicos na teoria Bakhtiniana. Percebemos assim, que os textos analisados obtêm uma multiplicidade de vozes, que revelam que a avaliação tem sido proferida na formação de professores de forma muito perfunctória, fazendo com que esses futuros profissionais não a percebam como forma sistematizadora para colaborar com a aprendizagem.

Palavras-chaves: avaliação da aprendizagem; prática de ensino; formação docente; licenciatura em biologia; análise de discurso.

ABSTRACT

The evaluation has eluded its constitutive meaning, being considered as a measurement instrument, when it should assist the construction of learning. Considering the importance of this subject and understanding that teacher education can contribute to more fruitful relations with the evaluation process, a bibliographical review was done in Google Scholar, where fourteen papers were selected to verify the main considerations regarding this subject prioritizing the conceptions of graduates and the way this theme has been addressed in teacher training courses. The analysis of the discourses present in the projects was based on its theoretical methodological aspects in the Bakhtinian theory. We noticed that the texts analyzed obtained a multiplicity of voices, which reveal that the evaluation has been proffered in the training of teachers in a very perfunctory way, making these future professionals do not perceive it as a systematizing way to collaborate with learning

Keywords: evaluation of learning; teaching practice; teacher training; degree in biology; discourse analysis.

INTRODUÇÃO

A avaliação é de suma importância no processo ensino-aprendizagem. Ela necessita de profundas discussões, visto que no cenário brasileiro, o ato de verificar encerra-se com a obtenção de dados, com o objetivo muitas das vezes de ranquear os alunos e não subsidiar decisões a respeito de suas aprendizagens para priorizar o seu desenvolvimento. Porém, a avaliação não é uma ação neutra, é um instrumento de dinamismo e progresso. Ela exige uma tomada de decisão, um posicionamento de não indiferença diante do objeto que está sendo ajuizado. Por si, ela não conduz à simples classificação de alguma ação ou pessoa e sua consequente museologização, mas sim à transformação, ao crescimento (LUCKESI, 2013).

Neste sentido, uma das formas de mudarmos esta concepção da avaliação seria uma formação de professores que abordasse tal temática de forma consistente, para que este futuro professor não continue a repetir em sua vida profissional, as experiências avaliativas vividas ao longo de sua história (na maioria das vezes, contaminadas por vieses autoritários e meritocráticos). Pois, como afirma Dias (2012), a formação de professores é a única profissão em que o estudante possui 15 ou 16 anos de estágio, já que desde muito cedo estamos mergulhados neste lugar. Desse modo, nossa propensão é a de naturalizar as coisas e os modos de fazer do professor e aplicá-los sem pensar. Porém, de acordo com Perrenoud (1999) e Luckesi (2013), a avaliação tem sido abordada na formação de professores de forma muito frágil. Além disso, segundo Perrenoud e Thurler (2002), vários cursos de formação inicial estão baseados mais em uma visão prescritiva da profissão do que em uma análise precisa de sua realidade.

Desta forma, este trabalho teve por objetivo fazer uma análise dos discursos presentes em produções no Google Acadêmico com o intuito de verificar as principais abordagens da avaliação, priorizando a forma como vem sendo abordada na formação de professores; assim como, as concepções dos licenciandos frente à esta temática. Esta análise foi fundamentada na teoria Bakhtiniana quanto aos aspectos do dialogismo e polifonia, demonstrando a presença de diversas vozes complementando-se, justapondo-se e estando dialogicamente inter-relacionadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Mikhail Bahktin foi de fundamental importância para o estabelecimento do

conceito de linguagem como sistema social em contraposição, principalmente, às proposições de Saussure. Para ele, a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações (BAKTIN, 2002).

Para Bakhtin, a palavra está em evolução constante, refletindo fielmente todas as mudanças e alterações sociais. Essa historicidade é captada no próprio movimento linguístico de sua constituição (FIORIN, 2009).

De acordo com Bakhtin, toda enunciação é dialógica. Ela é produto da interação verbal de dois ou mais indivíduos socialmente organizados. Neste sentido, o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior; está situado no meio social que envolve o indivíduo. Desta forma, relata Bakhtin:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo o homem participa todo e com todo a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra, e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2002, p. 348).

O dialogismo constitui-se, em acordo com o termo polifonia, não apenas pelo diálogo entre interlocutores, mas também pelo diálogo entre discursos. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras e constitui-se a partir de outras palavras. (FIORIN, 2009).

MÉTODOS

A pesquisa assumiu enfoque qualitativo, fundamentada em seus aspectos teóricos metodológicos na teoria Bakhtiniana, com observação de diversas vozes que foram remetidas por citações e paráfrases. Foram selecionados quatorze trabalhos através de um levantamento realizado no Google Acadêmico pela busca avançada, utilizando-se os seguintes descritores: avaliação da aprendizagem, estágio supervisionado, prática de ensino, formação docente e licenciatura em Biologia. Essas palavras foram agrupada de duas em duas, tendo sempre a avaliação da aprendizagem inserida juntamente com uma outra desta lista apresentada (conforme mostram as tabelas abaixo). Essa busca ocorreu apenas nos títulos, tendo em vista que quando colocava-se em qualquer parte do texto, muitos trabalhos não falavam especificamente sobre avaliação. Foram usados como critérios de exclusão, aqueles que não estivessem

escritos na Língua Portuguesa e que fossem anteriores ao ano de 2000.

Tabela 1: associação da expressão “avaliação da aprendizagem” com “estágio supervisionado”

Código	AUTORES	TÍTULO	ANO
T1	CARNEIRO, M. A. F.; SILVA, S.N.	Formação inicial: a avaliação da aprendizagem no estágio supervisionado de ciências	2013

Tabela2: correlacionando “avaliação da aprendizagem” com “prática de ensino”

Código	AUTORES	TÍTULO	ANO
T2	SILVA, J. F.	Avaliação da Aprendizagem no ensino de Ciências: subsídios teóricos para a reflexão da prática	2013
T3	AFONSO, T. M.; GOMES, E. C.; TERÁN, A. F.	As implicações da prática pedagógica na avaliação da aprendizagem: uma abordagem no ensino de Ciências	2009
T4	GIANNASI, M. J.; CHIARA, I. G.; CRUZ, V. A. G.; REIS, S. G. O.	A realização de seminários no curso de biblioteconomia da UEL enquanto prática de ensino/aprendizagem ou de avaliação discente	2001
T5	TACOSHI, M. M. A.; FERNANDES, C.	Avaliação da aprendizagem em química: concepções de ensino-aprendizagem que fundamentam esta prática.	2000
T6	NUNES, L. S.	A avaliação da aprendizagem e a prática da atividade física de escolares do ensino fundamental sob a ótica do professor de educação física	2014
T7	MAGALHÃES, S. M.	Concepções e práticas o dilema da avaliação da aprendizagem: um estudo de caso da prática avaliativa de professores da rede estadual de ensino do maranhão	2006
T8	CORREIA, F. T.	Avaliação do processo ensino/aprendizagem na disciplina de educação física: da formação inicial à prática pedagógica escolar	2015
T9	SANTOS, M.	Avaliação da aprendizagem no ensino superior à distância: análise das concepções docentes acerca da prática avaliativa em instituições públicas de Recife-PE	2015

Tabela 3: “avaliação da aprendizagem” com “formação docente”

Código	AUTORES	TÍTULO	ANO
T10	MONTE, N. P. L.; VIANA, K. S. L.	Concepções acerca da avaliação da aprendizagem: contribuições do curso de pedagogia na formação docente.	2015

T11	EVANGELISTA, M. T. F.; FERENC, A. V. F.	A avaliação da aprendizagem e de disciplinas em um contexto de formação docente: desafios	2016
T12	BERGER, M. A.	A avaliação da aprendizagem e a formação docente	2000
T13	FERNANDES, F. F.	A prática docente na formação do professor visando a avaliação da aprendizagem	2010

Tabela 4: “avaliação da aprendizagem” com “licenciatura em Biologia”

Código	AUTORES	TÍTULO	AN O
T14	VIEIRA, M.	Avaliação da aprendizagem na educação à distância: um estudo sobre o curso de complementação para licenciatura em Biologia, Física, Química e Matemática	2003

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 14 trabalhos selecionados, todos fizeram uma abordagem inicial sobre a definição de “avaliar”, o que trouxe consideráveis contribuições, tendo em vista que esta ação tem fugido ao seu papel constitutivo nas nossas práticas. Desta forma, como visto em T1, a avaliação da aprendizagem é compreendida como um processo educativo que orienta o ensino e fornece fundamentos substanciais sobre a aquisição do conhecimento. Assim, ela irá subsidiar as práticas educativas ao dar pistas sobre a construção do conhecimento dos educandos, fazendo com que o docente possa refletir sobre suas atividades e se necessário, redirecionar o seu planejamento. Nesse intuito, T2 vem nos observar que esta é uma tarefa precisa, contínua e dinâmica do trabalho do professor, que os coloca diante de um processo constante de ação-reflexão-ação. Assim, de acordo com T1, ela contém várias dimensões, que perpassam a práxis pedagógica, o projeto político-pedagógico escolar, o papel crítico e reflexivo do docente e a interação dos estudantes com as propostas avaliativas.

Segundo T14, a avaliação da aprendizagem começou a ser falada por volta da década de 30, com Ralph Tyler militando na prática educativa e defendendo a ideia de que a avaliação poderia subsidiar um modo eficiente de fazer o ensino. Esta concepção passa a ser difundida no Brasil a partir de 1974, porém vale destacar, segundo T9, que essa avaliação tinha muito mais o caráter disciplinador do que diagnóstico. Desta forma, conforme T6 e T12, no Brasil, a avaliação é resultado da influência americana e que se tornou, realmente, assunto relevante e questionável por parte dos docentes.

Vários paradigmas posteriormente foram criados, conforme citado por T7:

Avaliação Humanizadora (LUCKESI, 1999), Avaliação Libertadora (VASCONCELOS, 1994), Avaliação Formativa (PERRENOUD, 1999), Avaliação Emancipatória (SAUL, 1999), Avaliação Mediadora (HOFFMANN, 1991) e Avaliação da Aprendizagem Significativa (ESTEBAN, 2004), com importantes contribuições para que se pudesse desenhar o que hoje entendemos por avaliação da aprendizagem. Mesmo com este legado nos deixado por estes autores muito renomeados no que tange esta temática, ainda estamos fortemente presos a tendências muito tradicionais. Neste sentido, Luckesi (2013) menciona que Libâneo reconhece que a avaliação da aprendizagem é o âmbito da ação pedagógica em que os professores são mais resistentes à mudança.

Dentre os modelos encontrados ao longo dos textos, podemos mencionar a avaliação somativa e avaliação formativa, tomando como referência as observações realizadas por T2. A primeira é pontual estática e antidemocrática, e apresenta as notas como principal fim. Almeida e Almeida (2008) faz uma analogia com esta variedade ao mencionar que as instituições de educação superior a utiliza como uma catraca que permite ou não o acesso a oportunidades educacionais. Assim, T2 vem reforçar, que ela tem como metas principais verificar, classificar, situar, informar, certificar e pôr-se à prova. Já na segunda, entendemos que ao levantar informações, reflete acerca dos resultados, repensa percursos e implementa a jornada para chegar ao destino antevisto. Neste sentido, para T2, ela vem regular, situar, entender, harmonizar, tranquilizar, apoiar, reforçar, reparar, facilitar e dialogar.

Hoje, segundo T3, na maioria das instituições públicas, o que se observa são práticas descontextualizadas quanto ao currículo e à avaliação da aprendizagem. O currículo encontra-se fragmentado e o conhecimento produzido está pronto e acabado. Desta forma, ele acaba por submeter à avaliação a uma mera reprodução de conceitos memorizados, restringindo assim, o processo de ensino e aprendizagem. Vale aqui destacar, conforme T5 que os dois são componentes indissociáveis e precisam ser planejados juntos e de maneira integrada, de modo a evitar que os exames possam vir a ditar o currículo, pois nas atuais práticas, a avaliação vem ocupando o papel central; assim, é comum, segundo T13, o discente, em seu primeiro dia do ano letivo, perguntar como será o método avaliativo daquele professor. T6 relata também ser muito frequente o fato dos professores, ao explicarem sua matéria, reforçarem-na com a seguinte frase: “prestem atenção que isso vai cair na prova”. O que sugere que aquele aprendizado é importante apenas para se sair bem em uma prova. Porém Meirieu vem nos dizer:

A avaliação não é tudo; não deve ser o todo, nem na escola nem fora dela; e se o frenesi avaliativo se apoderar dos espíritos, absorver e destruir as práticas, paralisar a imaginação, desencorajar o desejo, então a patologia espreita-nos e a falta de perspectivas, também. (MEIRIEU, 1994, p. 13)

Como verificado nas contribuições de T3 e T12, a avaliação, da forma como é concebida e vivenciada na maioria das escolas brasileiras, tem-se caracterizado como a principal legitimadora do atual fracasso; provocando implicações sociais e políticas, como reforça T7, que vão ao encontro com a consolidação de uma cultura pela exclusão. Desta forma, como visto em T2, a escola torna-se como reprodutora das desigualdades sociais. Neste contexto, vale aqui ressaltar como observado por T9, que o modelo de premiações institucionais quanto ao desempenho nas provas de larga escala foge do contexto de construção do conhecimento para atender às exigências da ciência econômica/capitalista.

Segundo T11, há uma vasta literatura sobre a formação do professor explorando aspectos como os processos de aprendizagem da docência e formação ou desenvolvimento profissional; entretanto, no que tange à formação do professor, considerando a avaliação da aprendizagem como componente intrínseco desse processo, essa literatura torna-se bastante limitada. As autoras também sinalizam que este é um campo de pouco investimento e com isso, pouco se avança no que diz respeito à inserção desta temática nas grades curriculares dos cursos de licenciatura, sendo muitas vezes, como aponta T12, abordada apenas em uma única disciplina. Desta forma, temos como consequência, o fato dos licenciandos se tornarem professores sem saber as finalidades da avaliação da aprendizagem, a forma como planejá-la, as dimensões que ela deve alcançar e como construir instrumentos avaliativos que possam favorecer a aprendizagem dos alunos. Ainda nesse sentido, Tardif (2000) vem nos dizer que os professores são profissionais inseridos no campo de trabalho muitos anos antes de se iniciarem na profissão e, por assim o serem, uma parte daquilo que sabem sobre o ensino provém de sua própria trajetória de vida, sobretudo, escolar; o que nos leva a crer, que devido a ausência de base quanto à esta temática, há uma tendência em se repetir em sua vida profissional, suas experiências avaliativas. Outro ponto de suma importância levantado por T13, é a questão de professores formadores fazerem uso da avaliação formativa, para familiarizar o futuro docente com perspectivas significativas diferentes das tradicionais das quais muitas vezes são submetidos.

Quanto ao instrumento avaliativo mais apreciável pelos licenciandos entrevistados por T4 foi mencionado o seminário, pois segundo estes futuros

professores, os alunos aprendem a realizar pesquisa, a trabalhar em equipe, a organizarem seus pensamentos, tornarem-se mais participativos e refletirem mais aprofundadamente sobre um tema; estimulando assim, a sua autonomia e capacidade crítica. Abrimos parênteses para observarmos que embora este instrumento de fato, traga muitos benefícios, ele não deve ser usado como o único dispositivo, funcionando como receita de bolo que pode ser aplicável a qualquer turma. As práticas avaliativas devem ser as mais diversificadas possíveis, pois um aluno pode não saber, por exemplo, se expressar de forma oral, mas exteriorizar de forma brilhante numa avaliação escrita.

Entre os professores entrevistados, observou-se uma predominância do uso de provas e testes em T7 e T11. Em T11, os trabalhos apresentavam a função de “ajudar” na nota das avaliações centrais. Aqui se observa a função deturpada da avaliação como sinônimo de notas. Os referidos trabalhos devem ter como principal intuito ajudar na construção do conhecimento e não funcionar apenas como um dispositivo gerador de resultados.

T8 constatou que os professores investigados ainda sentem dificuldade em avaliar da forma que aprendem no curso. Realçamos, desta forma, que muitos cursos apresentam um caráter prescritivo e que por vezes, não atendem a demanda da escola, pois como relata Nóvoa (1999), as instituições ficam fechadas em si mesmas, ora por um academicismo excessivo ora por um empirismo, tornando inviáveis as inovações na escola, que em geral são pouco adaptadas à realidade destes profissionais.

No trabalho desenvolvido por T13, muitos entrevistados mencionaram não terem estudado sobre avaliação na graduação. Os demais viram, porém disseram que deveria ser mais aprofundada. A grande maioria respondeu que não se sente seguro em avaliar. Sendo assim, vale aqui ressaltar importância desta abordagem na licenciatura, pois conforme apresentado por T10, a disciplina avaliação educacional trouxe importantes contribuições para os licenciandos entrevistados. Estes passaram a associar o ato de avaliar a um processo de acompanhamento no intuito de redimensionar o processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos aqui analisados são heterogêneos e tecidos por uma multiplicidade de vozes. Nos enunciados presentes nestas vozes, é possível perceber que a avaliação tem sido efetivada nas escolas como instrumento de mensuração, de punição, de poder, de classificação, de exclusão, de reprodução da sociedade e que prioriza aspectos

descontextualizados e que requerem apenas a memorização dos conteúdos trabalhados. Desta forma, observa-se neste sentido, que não há diálogo e discussão dos critérios entre professores e alunos e a mesma não tem o intuito de servir-se como forma sistematizadora para colaborar com a aprendizagem. Sendo assim, as concepções iniciais sobre esta temática parecem ainda cristalizadas nas atuais práticas, mesmo que na teoria se observe a presença de algumas vozes, que vêm acompanhando a evolução constante das diferentes tendências pedagógicas, refletindo fielmente todas as mudanças e alterações sociais.

Pôde-se observar com as produções, que a avaliação da aprendizagem não tem sido trabalhada ou então de forma perfunctória na formação docente (muitas das vezes sendo abordada em apenas uma única disciplina). Assim, o professor sem elementos consistentes, sente-se inseguro para avaliar e acaba reproduzindo o que sempre verificou em sua vida enquanto discente. Desta forma, vimos que a formação pode ser uma das formas de romper com a função seletiva, arraigada nas concepções que norteiam a prática avaliativa na escola para transformá-la em uma ação dinâmica que visa à melhoria da aprendizagem e à superação das dificuldades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, T. M.; GOMES, E. C.; TERÁN, A. F. As implicações da prática pedagógica na avaliação da aprendizagem: uma abordagem no ensino de Ciências. **VIII CNNECIM**, Boa Vista, p. 345- 358, 2009.

ALMEIDA, J. R. S.; ALMEIDA, M. B. **O processo ensino-aprendizagem permeado pela avaliação contínua**, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1516-8.pdf>. Acesso em: 28 de novembro de 2017.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

BERGER, M. A. **A avaliação da aprendizagem e a formação docente**, 2000. Disponível em: <http://www.afirse.com/archives/cd3/tematica4/112.pdf>. Acesso em 27 de novembro de 2017.

CARNEIRO, M. A. F.; SILVA, S. N. Formação inicial: a avaliação da aprendizagem no estágio supervisionado de ciências. **IX Congresso Internacional sobre Investigación en Didáctica de Las Ciencias**, Girona, p. 1073-1078, 2013.

CORREIA, F. T. **Avaliação do processo ensino/aprendizagem na disciplina de educação física: da formação inicial à prática pedagógica escolar**. TCC. Santa Catarina: Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2015.

DIAS, R. O. Produção da vida nos territórios escolares: entre universidade e escola básica. **Psicologia e Sociedade**, v.24. n. spe, p. 67-75, 2012.

EVANGELISTA, M. T. F.; FERENC, A. V. F. A avaliação da aprendizagem e de disciplinas em um contexto de formação docente: desafios. **Seminário do LOED**, p. 191-200, 2016.

FERNANDES, F. F. **A prática docente na formação do professor visando a avaliação da aprendizagem**. TCC. Rio de Janeiro: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, 2010.

FIORIN, J. L. Língua, discurso e política. **Alea**, v. 11, n. 1, p. 148-165, 2009.

GIANNASI, M. J.; CHIARA, I. G.; CRUZ, V. A. G.; REIS, S. G. O. A realização de seminários no Curso de Biblioteconomia da UEL enquanto prática de ensino/aprendizagem ou de avaliação discente. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 6, n. 2, p. 235-248, 2001.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudo e proposições**. 1ª edição. São Paulo: Cortez, 2013.

MAGALHÃES, S. M. G. **Concepções e práticas o dilema da avaliação da aprendizagem: um estudo de caso da prática avaliativa de professores da rede estadual**. Dissertação. Maranhão: Universidade Federal do Maranhão, 2006.

MEIRIEU. Prefacio. In C. Hadji. **A avaliação regras do jogo: das intenções aos instrumentos**. Porto: Porto Editora, 1994.

MONTE, N. P. L.; VIANA, K. da S. L. Concepções acerca da avaliação da aprendizagem: contribuições do curso de pedagogia na formação docente. **II COINTER PDVL**, p. 1-12, 2015.

NOVOA, A. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educação e Pesquisa**, v. 25, n.1, p.11-20, 1999.

NUNES, L. S. **A avaliação da aprendizagem e a prática da atividade física de escolares do ensino fundamental sob a ótica do professor de educação física**. TCC. Brasília: UniCEUB, 2014.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens- entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERRENOUD, P.; THURLER, M. G. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
SANTOS, M. **Avaliação da aprendizagem no ensino superior a distância: análise das concepções docentes acerca da prática avaliativa em instituições públicas de Recife-PE**. Dissertação. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2015.

SILVA, J. F. Avaliação da Aprendizagem no ensino de ciências: subsídios teóricos para a reflexão da prática. **IX ENPEC**, Águas de Lindóia, 2013.

TACOSHI, M. M. A.; FERNANDEZ, C. Avaliação da aprendizagem em química: concepções de ensino aprendizagem que fundamentam esta prática. **VII ENPEC**, Florianópolis, 2000.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação e Sociedade**, v. 21, n.73, p.209-244, 2000.

VIEIRA, M. **Avaliação da aprendizagem na educação a distância: um estudo sobre o curso de complementação para licenciatura em biologia, física, química e matemática**. Dissertação. Florianópolis: UFSC, 2003.